

Singularidade E Criação A Partir Da Pulsão De Morte

Jacila Maria da Silva

Rio de Janeiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro - CAPES¹

*Gostaria de escrever os meus estudos como o poeta...
que brinca com as palavras,
dando o sentido que elas não possuem,
inventando palavras que não existem,
mas que fazem sentido na sua-minha expressão.*

*Gostaria de escrever como o compositor...
com ritmo e harmonia,
através de várias vozes,
brincando com elas, com os compassos e com os tons,
mas sem perder o tema.*

*Com conto e canto encantaria minha história
e levaria o leitor-ouvinte a entrar no mundo
da minha-sua imagem-ação,
a trilhar o mundo da fantasia, da criação,
da construção de uma verdade que, real ou não,
poder-seria verdade por um instante.*

Jacila Maria da Silva

Introdução

A passagem do século XIX para o século XX foi palco de uma problemática em torno da questão do sujeito enquanto sin-

¹ O presente artigo faz parte de pesquisas que venho elaborando no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da UFRJ. Estas, inicialmente, financiadas pelo CNPq, sob a orientação da professora Regina Herzog e, atualmente, financiadas pela CAPS, sob a orientação do professor Joel Birman.

gular e sua inserção na coletividade. Segundo Foucault², Freud, junto com Marx e Nietzsche, foi um dos pensadores que promoveu uma ruptura radical com relação ao pensamento vigente. Neste sentido, podemos dizer que Freud contribuiu, significativamente, para que se produzisse um determinado discurso sobre o sujeito. Este discurso surge na medida em que Freud se propõe a pensar o psiquismo humano enquanto dividido - através do estudo dos fenômenos inconscientes-, concepção que o levou a teorizar o Ics como um sistema, em contraposição à utilização, contemporânea a ele, do termo inconsciente de forma puramente adjetiva.

Ao longo do século esta discussão teve desdobramentos e, na atualidade, presenciamos a uma crescente massificação do sujeito em prol de um progresso da civilização. Assim, diante de um social que não coloca a questão da singularidade, temos uma indiferenciação do sujeito.

Numa das primeiras exposições sobre o antagonismo entre a civilização e a vida pulsional, Freud³ explicita uma preocupação com os danos que uma moral sexual civilizada causaria à saúde, indicando que estes danos poderiam ser de tal ordem, que os próprios objetivos da cultura seriam prejudicados. Aqui, a gênese das enfermidades nervosas residiria, sobretudo, no antagonismo existente entre as exigências da civilização e a constituição do sujeito. As neuroses estariam fundadas no desequilíbrio entre as imposições de uma moral sexual cultural e a constituição do sujeito, visto que o sujeito não conseguiria suportar tamanhas exigências, que se dariam principalmente no âmbito de uma renúncia pulsional. Segundo Freud, esta renúncia teria aumentado progressivamente com a evolução da civilização. A pulsão sexual colocaria à disposição da civilização uma grande quantidade de energia, através do deslocamento dos seus objetivos, ou seja, da capacidade de trocar seu objetivo

² Foucault, M., *Nietzsche, Freud e Marx Theatrum Philosophicum*, in *Biblioteca Nova Crítica* vol.16, Anagrama Ltda. Ed. Livreiros, 1980.

³ Freud, S., "Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna" (1908), in *ESB* vol. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1980, p.185 - 208.

sexual por outro de valor social. No que diz respeito a massificação do sujeito, efeito desta renúncia pulsional, acrescenta Freud:

“Em geral não me ficou a impressão de que a abstinência sexual contribua para produzir homens de ação enérgicos e autoconfiantes, nem pensadores originais ou libertadores e reformistas audazes. Com freqüência bem maior produz homens fracos mas bem comportados, que mais tarde se perdem na multidão que tende a seguir, de má-vontade, os caminhos apontados por indivíduos fortes”.⁴

Neste primeiro momento⁵, ainda há, por parte de Freud, o vislumbre de um equilíbrio do conflito que se estabelece entre a civilização e as moções pulsionais do sujeito, onde residiria a felicidade. Ele pretende dar ao sujeito a possibilidade de abrir mão dos seus desejos, sendo a sublimação um caminho para tal fim. Poderíamos dizer que a questão se colocava entre a “paixão” e a “razão”, onde Freud busca uma solução de compromisso entre o sexual e a cultura. Por um lado, o sujeito renunciaria à pulsão em prol de uma satisfação valorizada socialmente e, por outro, a cultura seria menos repressora, dando oportunidade para o sujeito dar vazão aos impulsos pulsionais.

Quando em “Pulsões e seus destinos”⁶, Freud fala dos destinos da pulsão, podemos conceber que nos dois primeiros destinos - referidos como mecanismos mais originários - trata-se da constituição do aparelho psíquico. No terceiro destino, o recalque, temos a divisão do aparelho psíquico e o permanente conflito entre as requisições do inconsciente e a mediação do eu com a vida exterior. Já o quarto destino, a sublimação, é aquele em que Freud poderia estar apontando para a possibilidade do novo, do sujeito lidar com o mundo e consigo próprio, colocando em pauta a questão

⁴ Freud, S., 1908, *op. cit.*, p.202.

⁵ Freud, S., 1908, *op. cit.*

⁶ Freud, S., “Os instintos e suas vicissitudes” (1915), in ESB vol. XIV, R. J.: Imago, 1980.

de uma singularidade do sujeito, para além de uma determinação psíquica. Nesta perspectiva, a singularidade seria entendida como o modo de inscrição do sujeito na cultura. Aqui cabe indagarmos: como pensar a possibilidade do novo, quando presenciamos, na atualidade, uma homogeneização onde parece não ter espaço para se pensar o sujeito enquanto singular?

Some-se a isto que a própria teoria freudiana vai apontar para a questão da sobre-determinação do sujeito, quando estabelece uma determinação psíquica, onde o sujeito desconhece algo de si que o determina, ou seja, “ele não é senhor em sua própria morada”⁷. A partir disso é possível o novo? como entender, neste contexto, a sublimação?

Sublimação, Cultura E Singularidade

A partir da exposição do conceito de pulsão de morte⁸ - enquanto potência destrutiva e, além disso, como uma força constante que está fora do campo das representações, portanto, do domínio do princípio de prazer - Freud coloca o sujeito frente a algo do âmbito do sofrimento, que não tem a possibilidade de ser evitado. Daí a dimensão trágica apresentada por ele. Podemos observar que o conceito de pulsão de morte surgiu permeado pelas questões do trauma e da destrutividade.

No *Mal-Estar na Civilização*⁹ Freud irá colocar a tragicidade humana sob a forma de um mal-estar inerente à cultura e, principalmente, inerente ao sujeito. É sob o âmbito do conflito existente entre o desejo - singular ao sujeito - e as imposições feitas pela cultura, que o mal-estar se impõe. O que está em questão, nesta dimensão, é a relação estabelecida entre o sujeito do desejo e o social, ou seja, a singularidade e a civilização. Relação que, num

⁷ FREUD, S., “Uma dificuldade no caminho da psicanálise” 1917, in ESB vol. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1980, p.178.

⁸ FREUD, S., “Além do princípio de prazer” (1920), in ESB vol. XVIII, R. J.: Imago, 1980.

⁹ FREUD, S., “O mal-estar na Civilização” (1930 [1929]) in ESB vol. XXI, RJ: Imago, 1980.

primeiro momento da obra freudiana, apesar de conflituosa, poderia vir a ser harmoniosa. E que, no *Mal-Estar*, é radicalmente impossibilitada de ganhar este estatuto. O que é mais radical aqui, é que isto se dá pela própria condição de desarmonia do sujeito consigo mesmo. Ou seja, o sujeito não é capaz de apaziguar suas pulsões – o que o leva a recorrer a algo de fora, que está no domínio da cultura, para fazê-lo. Porém, mesmo a cultura, com a força de seus dogmas, de suas leis e estatutos, não irá dominar esta força que se impõe impiedosamente ao sujeito e, conseqüentemente, à própria organização da civilização.

Assim, muitos serão os aparatos construídos em prol deste domínio, seja ele psíquico, estatal ou religioso. Mas, o mal-estar permanecerá sob a forma de um resíduo que retorna contra toda organização. E que, por vezes, na tentativa de ser dominado acaba tomando para si a própria força que o constrangia, retornando agora de forma destrutiva. Para evitar o sofrimento decorrente das moções pulsionais, várias medidas são tomadas, a medida extrema, seria o aniquilamento pulsional. Porém, outras medidas poderiam trazer ao sujeito possibilidades diversas, dentre elas: o trabalho, a obra de arte, a sublimação.

Em outras palavras, o sujeito não encontra nem na religião, nem na cultura, a possibilidade de uma satisfação completa; o outro, seja ele sujeito ou instituição, não dá conta da exigência pulsional. Daí o mal-estar inerente ao sujeito, que é decorrente de uma insatisfação sempre presente, já que a pulsão, como uma força constante, continua exigindo do sujeito o que ele não encontra, nem no mundo, nem em si mesmo – o objeto de satisfação. Por não existir o objeto de satisfação da pulsão no mundo, ele tentará construí-lo. O sujeito, então, transporá seus próprios limites, a medida que realizar um movimento para a criação. Podemos dizer que, o sujeito, ao criar uma obra, estará obrando sua própria constituição, estará criando a si próprio enquanto sujeito singular.

A sublimação, representada sob o modelo da criação artística, pressupõe o reconhecimento do desamparo. Isto não vai se dar de uma forma passiva mas, sobretudo, a partir de uma transformação criativa da pulsionalidade. Dito de outra forma, a sublimação – a partir da delimitação do conceito de pulsão de morte –, surgiria

do estranhamento do sujeito na experiência de angústia. Deste modo, é a pulsão de morte enquanto potência pura, desprovida de sentido, que nos faz pensar o sujeito como singular – já que é o vazio que possibilita o sujeito “inventar”¹⁰, criar:

A crítica de Freud, presente nos artigos em questão, incide no ponto em que a civilização busca soluções homogeneizantes para os sujeitos, deixando de lado a questão da singularidade, o que levaria o sujeito a renunciar ao seu desejo, a sua pulsionalidade. Daí Freud nos assinalar o mal-estar instituído na civilização, que se implantaria sobre a renúncia e a culpabilidade dos sujeitos, ou seja, que seria decorrente da massificação do sujeito – contraponto da sua possibilidade de se constituir enquanto sujeito desejante, singular e alteritário. É neste sentido que Freud questiona o ideal de felicidade, que é ao mesmo tempo desenhado e oferecido pela civilização, já que para ele, a felicidade é da ordem do sujeito e não da civilização, da ordem do singular e não do universal e, sobretudo, é um problema da economia das pulsões, por isso, sem solução definitiva e absoluta.¹¹

Na arte, estaria implícito o reconhecimento do sujeito da sua condição de desamparo, a partir da qual o sujeito constituiria sua obra. Esta, por sua vez, passa pelo olhar do Outro, o que permite o reconhecimento do sujeito enquanto singular e alteritário. A sublimação, portanto, segundo Birman, é “uma forma de sociabilidade que reconhece a *diferença* entre os sujeitos.”¹²

Nesta nova concepção da sublimação, está implicada uma mudança de objeto, já que o sujeito cria objetos para dar conta da exigência pulsional, reordenando o campo pulsional. Em *Sobre a transitoriedade*,¹³ Freud coloca com relevo a questão da transitoriedade dos objetos e da substituição dos objetos de investimento a

¹⁰ Termo utilizado por Birman em BIRMAN, J. *Estilo e modernidade em psicanálise*, São Paulo: Ed. 34, 1997.

¹¹ BIRMAN, J., 1997, *op. cit.*

¹² BIRMAN, J., 1997, *op. cit.*, p. 95.

¹³ FREUD, S., “Sobre a transitoriedade” (1916 [1915]), *in* *ESB* vol. XIV, R. J.: Imago, 1980.

partir de uma consideração sobre o luto. Daí a importância de uma flexibilidade da economia pulsional, do sujeito substituir objetos perdidos por novos objetos. Dito de outra forma, a fixação em objetos conduz ao envelhecimento do sujeito, no sentido de que é condição preponderante para a doença e, quando levada ao extremo, para a morte.

A sublimação surge a partir de um estranhamento do que é familiar, onde o sujeito se depara com o seu desamparo, quando a ordenação do seu campo objetal já não faz mais sentido. Daí a importância da criação de outros objetos para o circuito pulsional, mediada pela sublimação. Em resumo, quando a pulsão, enquanto potência destrutiva, desfaz organizações ilusórias, surge uma experiência de angústia, na qual o sujeito perde o suporte do Outro e estranha o seu próprio campo objetal. Com isto, o sujeito irá inventar novos objetos, na tentativa de ocupar o vazio evidenciado em seu campo objetal. Nesta tentativa, o sujeito vai realizando novas ligações, não a partir do que lhe foi dado, mas em torno deste vazio. Ou seja, através da sublimação, o sujeito cria objetos que, ainda que não preencham este vazio, vão dando novos sentidos a sua história, ao mesmo tempo que imprime as marcas desejantes do sujeito, a diferença do sujeito, que se “retira da massa homogênea das ideologias”¹⁴.

Conclusão

“Foi a doença a base última de todo o impulso criativo:
criando eu podia sarar, criando eu retomava a saúde.” (Heine)

Freud se deparou com a destrutividade humana no momento da guerra. Destrutividade impactante aos olhos de um teórico que se propunha a pensar o psiquismo humano e, além disso, de um clínico cujo foco era o tratamento de enfermidades psíquicas. Certamente, Freud nunca foi um ingênuo quanto às potencialidades perversas do ser humano. Contudo, o assombro dele diante da experiência da guerra está presente em seus textos da referida épo-

¹⁴ BIRMAN, J., 1997, *op. cit.*, p. 98.

ca, ganhando papel cada vez mais importante em sua obra, através da problematização da destrutividade.

Num primeiro momento, Freud estabelecia que o que tornava o homem doente era o fato dele ser reprimido intensamente pela moral ou por não se deixar levar por esta moral. Nisto residia a possibilidade de um equilíbrio. O que a guerra vai mostrar é que existe, inerente ao homem, uma potência destrutiva, levando a uma concepção mais trágica do ser humano. O pensamento freudiano se torna trágico, quando ele leva em conta esta força que não é capturada pelo aparato psíquico.

Neste momento (1920), Freud se dá conta de algo que está além do princípio de prazer, algo que coloca o ser humano no âmbito do acaso, da dor, do desamparo. Este algo, uma potência que ele denominou pulsão de morte, pode se dirigir para fora do sujeito ou voltar contra sua própria pessoa, estando na raiz dos processos patológicos. A partir de então, a questão de Freud passou a ser: como dominar esta potência dispersa?

Entretanto, o conceito da pulsão de morte nos sugere um paradoxo, já que, esta mesma potência destrutiva, pode ser transformada nas mais célebres obras e criações humanas - manifestações da vida. Daí a importância da criação, enquanto veículo de expressão da singularidade do sujeito. Assim, escolhemos aqui, palavras de Freud que não sugerem uma conclusão, mas sim uma abertura convidativa a diversos sentidos:

“Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, e talvez em território mais firme e de forma mais duradoura do que antes”.¹⁵

¹⁵ FREUD, S., “Sobre a Transitoriedade”, (1916 [1915]) *op. cit.*, p.348